

Centrão critica métodos e garante Carta realista



Arquivo 3/2/88

O petebista Jaime Paliarin (SP) foi à tribuna na última quarta criticar a CUT com um penico

Para aparecer, parlamentares não temem nem cair no ridículo

Marcondes Sampaio

A notoriedade é uma condição essencial ao desenvolvimento das carreiras políticas, mas, na sua busca, muitos parlamentares cometem excessos, às vezes fatais, quando não ridículos. São muitas as formas de aparecer. Os que não têm maior conteúdo político procuram, naturalmente, as formas superficiais, vinculadas à imagem. Fazem de tudo para figurar em fotografias ou noticiários de televisão. Uma das técnicas usadas é ficarem próximos aos microfones, principalmente nos momentos de confusão. Outra é se postarem atrás de figuras eminentes. Na legislatura passada foi muito usada a expressão "papagaio de pirata" para definir parlamentares que, com frequência quase diária, apareciam nas fotografias do falecido presidente Tancredo Neves. O símbolo deles era o fluminense Wilmar Pallis, que também tornou-se conhecido pela insistência na sua proposta de "diretas-já", mesmo quando a causa estava perdida.

Há também os que recorrem a atitudes insólitas ou à quebra do decoro parlamentar e com isso ganham notoriedade. Em 1948, o deputado Barreto Pinto, do PTB, tornou-se figura nacional por haver posado de cuecas e casaca para a revista "O Cruzeiro". Pela ousadia, teve seu mandato cassado. Na última quarta-feira, o obscuro deputado petebista Jaime Paliarin (SP) conseguiu espaço no noticiário ao levar para a tribuna um pinico.

Genoino, radical procura o sucesso

Entre os representantes da esquerda, o deputado petista José Genoino (SP), tornou-se, nessa legislatura, o mais freqüente nos noticiários de jornais, rádio e televisão. Na legislatura passada, ele enfrentava dificuldades em alguns meios de comunicação, por ser visto como um opositor de posições radicais, além de ex-guerrilheiro. Agora, é amplamente absorvido. Para tanto, contribuíram dois fatores: ele tornou-se receptivo ao diálogo com representantes de diferentes correntes ideológicas e ao mesmo tempo revelou-se um profundo conhecedor do regimento da Constituinte e de outras questões processuais. Com isso, tornou-se fonte quase obrigatória de consulta, pois o Regimento é uma obra de domínio de poucos parlamentares e jornalistas.

Independentemente da atuação política, Genoino parece recorrer a algumas técnicas que atraem ainda mais as atenções sobre ele. Por maior que seja o antagonismo de posições, é comum ele dirigir-se efusivamente ou com piadas a representantes da direita como Roberto Cardoso Alves, de quem se proclama amigo, ou ao ex-ministro Delfim Netto, tendência tanto maior quando há fotografias ou câmaras de televisão por perto.

Contestações
Para manter-se em evidência, o marxista Genoino não parece selecionar espaços. Recentemente, ele foi personagem do "Painel do Consumidor", uma seção que o "Jornal do Brasil" mantém numa das suas páginas de amenidades para revelar as etiquetas e marcas preferidas pelos entrevistados.

Se essa atitude aberta indulgência Genoino aos olhos dos conservadores, ele já começou a enfrentar contestações veladas de seus companheiros do PT e da Central Única dos Trabalhadores, que não aceitam sua aproximação com a direita. Aos críticos, Genoino responde que o relacionamento com pessoas de diferentes posições faz parte do seu temperamento. O diálogo político é uma delegação que recebe do partido, estimulado inclusive, pelo principal líder do PT, Luís Inácio Lula da Silva.

Nada lhe aconteceu. Nos primeiros dias de funcionamento da Constituinte, o petista Gumerindo Milhomem surpreendeu o plenário ao subir à tribuna sem usar gravata, uma atitude inédita desde que o Congresso funciona em Brasília. Imaginava-se que o parlamentar pretendia quebrar a tradição repetindo o gesto, mas ele foi devidamente enquadrado na praxe.

Polêmicos

Outra forma de ficar em evidência é ocupar espaços políticos pouco atraentes para a maioria. O líder do PDS, Amaral Netto, por exemplo, assume que é um legítimo representante da direita e com isso amplia sua presença no noticiário, na defesa de causas delicadas como a pena de morte e a repressão aos movimentos grevistas. Na condição de antigo repórter de televisão e, agora como líder do PDS, Amaral já tem facilidades naturais de acesso aos meios de comunicação, mas ele explora essa vocação direitista tendo em vista objetivos eleitorais, porque o seu Estado, o Rio, tanto quanto um reduto opositorista, ainda tem um forte contingente conservador afinado com as posições mais à direita.

Um dos espaços mais singulares foi descoberto, há anos, pelo deputado fluminense Dasso Coimbra, um antigo arenista e malufista agora filiado ao PMDB. Dedicado aos números e assíduo freqüentador do Congresso, Dasso, mais do que por suas posições conservadoras, tornou-se conhecido

pelas previsões que costuma fazer sobre os resultados de votações. A essa característica, ele acrescentou, recentemente, a revelação da sua capacidade de organização e mobilização. Auto-suficiente nas suas previsões, Dasso sofreu uma decepção e passou até a ser minimizado nessa sua capacidade, quando, no último dia 27, não teve confirmada a sua estimativa de que o Centrão teria número para aprovar sua proposta de preâmbulo da Constituição. Faltaram mais de 20 votos, embora no desenrolar da votação ele assegurasse que o quorum de 280 necessários à aprovação seria alcançado.

Blefe

O blefe também pode ser instrumento de promoção política. No ano passado, o deputado cearense Expedito Machado tornou-se alvo de atenções ao se proclamar coordenador do chamado Centro Democrático do PMDB. Expedito dizia que o grupo contava com a adesão da maioria do partido e durante semanas escondeu a lista de signatário de um documento, mas na realidade nunca reuniu mais de 60 deputados.

Com esse superdimensionamento do grupo, o parlamentar valorizou-se junto ao Palácio do Planalto, mas em contrapartida o movimento perdeu sua credibilidade até entre os peemedebistas conservadores que aproveitaram a idéia inicial transformando o Centro Democrático numa organização suprapartidária.

Arquivo 27/11/85



Genoino, fora da ação política, chama atenção sobre si mesmo

Desgaste determina mudança

Preocupado com o desgaste sofrido pelo grupo diante da opinião pública, o núcleo mais influente do Centrão vem tentando, nos últimos dias, demonstrar que as suas posições não devem ser confundidas com a visão política nem com o desempenho de alguns dos seus integrantes de maior notoriedade, que agem mais à direita ou com preocupações fisiológicas. Por um motivo ou por outro, o Centrão tenta retirar de cena, ou ao menos colocar num segundo plano, alguns dos seus idealizadores, como o paulista Roberto Cardoso Alves, do PMDB, Roberto Jeferson, do PTB, e os líderes Amaral Netto, do PDS, e José Lourenço, do PFL.

Não chega a ser um expurgo comparável aos praticados por organizações de esquerda, mas, se não caíram em desgraça, esses nomes perderam a condição de porta-vozes do grupo em razão das posições radicais que têm assumido e que transmitem à opinião pública a impressão de que refletem as posições do conjunto dos conservadores. Uma impressão que decorre não só do teor das suas manifestações, mas também da freqüência com que eles aparecem no noticiário político. Na realidade, no caso de Amaral Netto e José Lourenço, essa freqüência resulta em grande parte da con-

dição que eles têm de líderes dos seus respectivos partidos.

Cargos

Cardoso Alves — assim como Amaral Netto — paga o preço de assumir, ostensivamente, as posições consideradas mais à direita. A situação de Cardoso Alves foi agravada, semana passada, pela insólita invocação que ele fez de São Francisco de Assis — "é dando que se recebe" — para justificar a barganha entre os parlamentares e o Governo — a troca de votos por cargos ou benesses.

Se antes era vista com reservas até mesmo por alguns dos seus parceiros de grupo, essa franqueza de Cardoso Alves e Amaral Netto na defesa das suas posições e práticas passou a atrair a reação da maioria dos conservadores depois que entidades sindicais intensificaram a campanha de combate ao Centrão, através de cartazes e painéis espalhados por todo o País.

Embora sem abrir mão da defesa dos seus princípios na ordem econômica e social — livre iniciativa, economia de mercado, abertura ao capital externo — o Centrão procura dar demonstrações de abertura às negociações com os progressistas, utilizando, nesses entendimentos, figuras menos incompatibilizadas com as esquerdas.

O maior erro cometido pela Assembléia Nacional Constituinte foi ter escolhido, desde o início, uma metodologia complicada e inadequada para elaborar o texto da futura Carta Magna do País. A avaliação é do deputado José Lins (PFL-CE), um dos principais líderes do Centrão, que lamenta o fato dos constituintes terem se dividido em 24 subcomissões com a missão de pintar um retrato sem saber ao certo como ele seria. Quando as partes do quadro foram reunidas na Comissão de Sistematização, "o retrato final parecia mais um monstro antidiluviano".

José Lins atribui o surgimento do Centrão ao desfiguramento do texto constitucional resultante da Sistematização. Ali, em seu entender, houve predomínio da corrente de esquerda, que não representava o pensamento de todo o plenário. Ao modificar o regimento, obtendo a maioria dos 280 votos e elaborando um novo texto, o Centrão quis dar à Carta uma feição que representasse a tendência política do País.

Sem unidade

O deputado assegura que se prevalecer o texto do Centrão, a nova Carta será progressista, com avanços significativos nos títulos que tratam dos Direitos Individuais, Coletivos e dos Trabalhadores. Todavia, reconhece, a Constituição não terá um texto perfeito: "Muito menos por questão de tempo e mais pela quantidade de opiniões divergentes, afinal, são quase 600 constituintes, número impraticável para se conseguir uma unidade doutrinária".

Mas se não existe unidade doutrinária, há de sobra unidade na hora da votação em plenário. José



Deputado José Lins (PFL-CE)

Lins garante não existir nenhuma divisão no Centrão, mas sim pequenas diferenças, que não chegam a comprometer o grupo como um todo e aponta as questões da Constituinte nas quais o Centrão está absolutamente fechado: "O grupo é contra o xenofobismo exagerado, a estatização e a opressão à livre iniciativa. As pequenas diferenças existentes ficam por conta da definição do tempo de mandato do presidente José Sarney, sistema de governo e a parte relativa à tributação. Por causa disso, nesses assuntos, há ampla liberdade e cada um vota de acordo com sua consciência".

A questão da introdução da democracia direta na Constituição, na opinião dele é um dos pontos polêmicos da Constituinte, onde não deverá haver acordo, a matéria será decidida pelo voto. Bandeira da esquerda na Constituinte, a democracia direta não é bem vista

Fiúza considera o texto democrático

O deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE), um dos líderes e principais articuladores do Centrão, considera que o texto aprovado até agora em plenário pode não ser a Constituição dos sonhos dos brasileiros, mas certamente trata-se de um texto muito mais democrático e moderno do que a Constituição em vigor. Embora possua a maioria absoluta exigida pelo regimento (280 constituintes), o Centrão, segundo, Fiúza, em nenhum momento tem-se negado a fazer acordos, desde que estes não signifiquem renunciar a princípios fundamentais do grupo.

Entre os princípios que não podem ser aranhados, alinham-se segundo Fiúza, a livre iniciativa, uma sociedade não-estatizante, e fórmulas de participação do capital estrangeiro no desenvolvimento econômico. Neste último item, ele cita a experiência de dois países-comunistas, o Vietnã do Norte e a União Soviética, que aceitaram a entrada de capital estrangeiro no país visando exclusivamente seu desenvolvimento.

O melhor

O texto elaborado pelo Centrão, e que está servindo de base para a aprovação dos dispositivos da nova Constituição brasileira, garante Fiúza, é extremamente realista e comprometido com o momento em que vivemos. Para ele, não houve acertos ou erros, apenas se fez até agora o melhor na Constituição, sobretudo, na parte referente aos direitos trabalhistas, após muitas negociações.

Fiúza frisa que o surgimento do Centrão está intimamente ligado

PFL usa a TV e faz convocação

Os principais líderes do PFL, Aureliano Chaves e Marco Maciel, começam a aparecer no vídeo a partir de amanhã com uma campanha nacional de convocação do partido para as convenções municipais que lançarão os candidatos às eleições de prefeito. Como os dois estão empenhados numa outra campanha para a Constituinte aprovar o regime presidencialista de governo, a promoção vai funcionar como uma apresentação de candidaturas, já que Aureliano Chaves é o virtual aspirante do partido à sucessão do presidente Sarney.

O ministro nega que esteja se lançando candidato e até argumenta que não poderia fazer isso antes de a Constituinte fixar o mandato do presidente da República. Ele antecipa também que só será candidato se o regime aprovado for o parlamentarista, pois não concorda com a divisão do poder entre um chefe de governo e um de estado. Quanto ao mandato presidencial, o ministro insiste em que o mandato que for fixado para os futuros presidentes da República deve ser dado também a Sarney.

A campanha a ser divulgada a partir desta segunda-feira dura trinta segundos e começa com o senador Marco Maciel sentenciando o seguinte: "Um partido vence com candidatos fortes. O candidato é forte quando é bem escolhido. A eleição começa dentro do seu diretório. Construa seu partido".

pelo Centrão. Lins acredita que um ponto que deve gerar muita polêmica em plenário, esta semana, será o direito de propriedade, que "em princípio deve ser resguardado, embora o Centrão admita a limitação desse, direito" quando se tratar da reforma agrária.

A tese de que o Centrão surgiu para servir de base de sustentação do governo na Constituinte é negada com veemência por José Lins, afirmando haver grande confusão sobre o assunto. Admite, no entanto, que alguns integrantes do Centrão se integram perfeitamente com o governo defendendo, com Sarney, o presidencialismo e o mandato de cinco anos de governo. Pessoalmente, inclusive se diz, contra a tentativa de inverter a pauta da Constituinte para votar agora o mandato presidencial.

Parlamentarista convicto e simpático aos cinco anos de mandato para Sarney, acredita ser uma violação contra a tradição qualquer tentativa de se reduzir o mandato de cinco para quatro anos. Justifica ainda sua defesa pelo parlamentarismo, alegando que com o sistema presidencialista vigorando no País há quase um século, só se viu crise. Para ele, no presidencialismo os problemas políticos e econômicos são transformados em impasse, sobretudo porque a figura do presidente ainda predomina sobre a instituição do governo.

Ao ser provocado a apontar um provável candidato a presidente da República afirma ser esta uma questão extemporânea. "Não se pode pensar em candidaturas antes que a Constituinte defina as regras do jogo".

o grupo teria sido criado para ser a base de sustentação do Palácio do Planalto na Constituinte.

Quanto aos pontos que considera mais polêmicos na Constituinte, enumera a indenização progressiva contra demissão imotivada, que segundo ele é uma forma de garantia de emprego: "Reforma agrária consciente, sobre a propriedade não produtiva; defesa da propriedade privada e liberdade sindical. Mandato presidencial e sistema de governo são assuntos proibidos dentro do Centrão, uma vez que não há unanimidade a respeito.

Fiúza, entretanto, afirma que votará pelo parlamentarismo e por cinco anos de mandato para o presidente José Sarney. Alega que o parlamentarismo é praticamente impossível de ser implantado no País, porque faltam duas condições fundamentais: uma burocracia mais organizada e partidos estáveis. Além disso, acrescenta, o brasileiro "não tem índole e jamais se acostumaria ao sistema parlamentarista".

Fiúza diz não ter dúvida que o quadro partidário brasileiro terá nova configuração, "porque o País exige que os homens unam em torno de princípios e idéias e não por interesses, eventualmente convergentes". Em sua opinião, os partidos no Brasil tem se caracterizado por formações absolutamente heterogêneas. E assim, as siglas estão falidas no Brasil. "Prova disso é que só do PMDB, existem mais de 130 constituintes no Centrão além de outros partidos".

auc
ful